

**Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón**  
**Milão, 26 Março 2014**

*Texto de referência: L. Giussani, «Diante da pretensão», in Na origem da pretensão cristã, Tenacitas, 2012, págs. 129-138.*

- *O monólogo de Judas*
- *Quando uno ha il cuore buono*

*Glória*

O trabalho para hoje era ler o capítulo nono com o qual acaba o livro *Na origem da pretensão cristã*. Depois disto começaremos a trabalhar sobre os Exercícios da Fraternidade que vamos ter daqui a pouco tempo. Mas, para além disso, acabámos a última Escola de comunidade propondo a *Página Um*, publicada pouco depois na *Tracce*, onde há uma tentativa de dar um contributo para perceber o que está a acontecer na sociedade e oferecer o início de um juízo. Começemos, então.

*Fiquei muito impressionada com o oitavo capítulo e em particular com a Página Um, que me esclareceu, de uma forma inédita, um aspecto do meu trabalho sobre o qual nunca tinha pensado e que é o dado cultural mais impressionante desta geração de jovens com quem estou todas as manhãs. Porque, mais do que todas as análises morais que se possam fazer sobre os jovens de hoje, o problema maior dos jovens que eu encontro na escola é que detestam Leopardi. Se eu tivesse que identificar a característica desta geração diria que é o ódio a Leopardi, porque já há muitos anos – é impressionante como a realidade nos dá sinais que não vemos – cada vez que começo com alunos do 12ºano, há sempre alguém, no primeiro dia de aulas, que levanta o braço e diz: Professor, este ano vamos dar Leopardi? Nós não queremos dar Leopardi». Este ano, por uma coisa que me aconteceu também com esta turma, mas sobretudo pelas coisas que nos disseste, com esta tua descoberta do oitavo capítulo como juízo sobre a realidade que vivemos, dei-me conta desta hostilidade e decidi enfrentá-la. Fiquei muito impressionada na semana passada, ao lançar um desafio aos meus alunos do 12ºano. Ia começar a explicar Leopardi; eles não queriam, começaram a reclamar e então eu disse-lhes: «Oiçam, vou ler-vos um poema e no final faço uma pergunta». Li o Canto nocturno de um pastor errante da Ásia. Portaram-se muito bem, ouviram com atenção; no final disse-lhes: «Agora digam-me por que razão não gostaram». O primeiro a responder disse: «Professora, eu não gostava até há uma hora atrás porque sempre me falavam da resposta de Leopardi, e essa para mim é detestável, mas nunca ninguém me tinha falado da pergunta que ele faz, que é a mesma que a minha». Naquele momento percebi que detestam Leopardi porque foi sempre lido como o poeta do pessimismo, do niilismo, enquanto que, como dizia Giussani, Leopardi revela-se na pergunta que faz e não na negação. Então eu disse: «De facto o que Leopardi faz é colocar “a” questão. Depois pode-se, ou decidir evitar esta pergunta, ou como Leopardi dar uma resposta que vocês não gostam ou então, como eu, ter a graça de encontrar alguma coisa que responde realmente». A certa altura, um aluno diz: «Professora, mas eu não quero uma resposta porque quero que a vida permaneça misteriosa, que ninguém me tire o mistério. Não quero saber de manhã como vai acabar o dia». Partindo daqui, começámos um diálogo belíssimo que não vou contar agora. Ao sair da sala de aula e falando com alguns adultos sobre questões éticas, não pude deixar de falar desta conversa que tinha tido com os alunos, porque é como se, de repente, tivesse percebido que aquilo que trazemos connosco é que o Movimento nasceu de Leopardi, deste diálogo com Leopardi. Se não reconhecermos isto, então aceitaremos falar, por exemplo, de todas as questões éticas num ambiente artificial onde poderemos dar respostas contrárias às dos outros, mas na realidade, igualmente ideológicas. E o que tem isso a ver com a Página Um?*

*Que não se pode curar o tumor com a aspirina.*

Aquilo que estás a contar é muito significativo, porque documenta – e aqui encontramos um exemplo daquilo que vem escrito na *Página Um* – como o poder reduz o desejo, ou seja a natureza da pessoa, a natureza da pergunta humana, e por isso não vai ao encontro das perguntas que os miúdos têm, oferecendo-lhes respostas que, como partem de uma pergunta já reduzida por tantos adultos, não servem, não correspondem; e assim rebelam-se contra a resposta. É por isso – tínhamos dito – que o capítulo oitavo tem tanto valor, porque coloca de novo a questão. *Don Giussani* repropõe a pergunta de Jesus: «Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?». E diz que se cada um de nós não considerar seriamente esta pergunta, «bloqueia as experiências humanas mais significativas». E quando se repropõe a pergunta humana mais significativa, o que acontece? Começamos a interceptar de novo a necessidade do homem. É este o ponto de partida da *Página Um*, porque a vida provoca-nos, provoca um professor através das aulas que dá, provoca toda a gente na actual discussão sobre os valores e os novos direitos. Provoca-nos. Mas mais do que uma questão de ética, é uma questão de conhecimento, ou seja de que coisa é que estamos a falar e de qual é verdadeira natureza do eu. Estou contente porque esta manhã expliquei Leopardi na Universidade Católica, e relacionei esta questão – sem saber que tu farias esta intervenção – com os novos direitos; porque se alguém reduz aquilo que Leopardi diz (e o capítulo quinto de *O sentido religioso* está cheio de frases de Leopardi), procura uma resposta nas próprias tentativas. E eu disse-lhes: «Mas vocês pensam que uma pessoa que perceba a natureza da pergunta humana pode resolver a questão, por exemplo, mudando de sexo (com o trabalho e dor que isso comporta)? Pensam que legitimar esta escolha resolve o problema?». Bastaria perceber a dimensão do problema: que aquilo que procuramos através dos prazeres é o próprio infinito; e ninguém se contentará com menos do que este infinito – dizia Pavese –, porque aquilo que constantemente procuramos, mesmo através destas modalidades, é o infinito. Todas as batalhas a favor dos novos direitos são uma redução deste desejo, porque reconhecendo uma insatisfação, procura-se – tal como dizias – ou evitar a pergunta ou dar uma resposta errada. Porque não estamos à altura da provocação da realidade! Só colhendo a natureza da pergunta é que se percebe que a respostada dada é como uma aspirina para um tumor. Mas se não percebemos isto, nem sequer percebemos, como dissemos na *Página Um*, porque é que *don Giussani*, em vez de travar uma batalha sobre os valores (o que não significa que não desejasse que as pessoas vivessem segundo certas modalidades que Cristo introduziu na história e na vida, que se traduzem também em certos valores), dedicou-se a redespertar a totalidade do desejo; a sua luta contra o poder não se deveu a certos aspetos, mas à redução do desejo. E isto não é um problema dos outros, é um problema nosso quando respondemos aos outros aceitando o mesmo campo de jogo; ou seja quando a nossa resposta, em vez de ser uma presença original, é uma presença reativa que aceita um ponto de partida reduzido da natureza do eu. E o confronto de uma posição com a outra não consegue fazer mudar de ideias um jovem sobre Leopardi, só muda porque aconteceu alguma coisa que lhe escancarou a capacidade de perceber. Por isso Giussani não é meigo com reduções da resposta! Como escreveu no final do capítulo oitavo: «Cristo veio para apontar ao homem a religiosidade verdadeira [se alguém tem alguma pergunta sobre o que é a religiosidade verdadeira, vá reler o capítulo quinto de *O sentido religioso*, onde Giussani explica a natureza da religiosidade como todas as perguntas inextirpáveis, a desproporção estrutural, a tristeza, o aborrecimento, a solidão como expressão desta natureza da religiosidade; porque Cristo veio chamar à religiosidade verdadeira, ou seja não reduzida a moralismo ou a devoção ou a ética ou a sentimento], sem a qual [atenção!] qualquer pretensão de solução é mentira, de ambas as partes. É mentira! Sem despertar o desejo não é possível responder, porque para responder à verdadeira natureza do desejo é necessário algo mais do que a ideologia, de um tipo ou de outro. Por isso, quando tantas vezes se diz: «Mas sobre este tema não se dá um juízo», significa que para nós a Escola de comunidade não é um juízo, que o oitavo capítulo da Escola de comunidade não é um juízo sobre a realidade, mas é simplesmente o pretexto para vir cá de vez em quando e fazer comentários sobre o texto, espirituais ou sentimentais; logo o carisma não é o critério, o método com que me ponho diante da realidade, que me ajuda antes de mais a não me

reduzir a mim próprio. Pelo contrário, é isto que documenta a presença de Cristo! Vê-se quem é Cristo, a partir do facto que dois mil anos mais tarde existe alguém – alguém chamado Luigi Giussani! – que escreve este capítulo, que é a coisa mais contrária à mentalidade dominante, qualquer que ela seja. Mas para algumas pessoas isto é espiritualismo abstrato e não incidente, e por isso é necessário fazer outra coisa quando, na verdade, bastaria perceber isto para estar diante de todos os diálogos que devemos ter sobre as diversas questões com uma verdadeira autoconsciência. Porque o problema é que nós, tantas vezes, partimos, apesar de tudo, da mesma redução que acusamos aos outros! E isto, num movimento como o nosso onde, se recebemos alguma graça, foi a de ter alguém que nos falou sempre do desejo de Leopardi como emblema da religiosidade verdadeira, ou seja não como emblema pela resposta que dá, mas pela totalidade da pergunta que coloca, porque a religiosidade coincide com certas perguntas – diz o quinto capítulo do sentido religioso – que são absolutamente únicas enquanto questões totais e inextirpáveis, e pedem uma resposta total, não uma aspirina: uma resposta total à totalidade da pergunta! Cada um de nós, se quer verdadeiramente seguir o carisma, deverá olhar para a forma como está a enfrentar todos estes acontecimentos, comparando-a com o texto do oitavo e do nono capítulo. Porque a resistência que vemos, até entre muitos de nós, revela que no fundo não há necessidade de Cristo, porque Cristo seria abstrato, porque o essencial seria abstrato, para usar uma expressão da moda. E então? Temos de fazer coisas, de encher a vida com outras coisas. Até pode correr muito bem, mas se não tem este factor em consideração, qualquer pretensão de solução é mentira.

*Eu tenho uma pergunta sobre o texto do oitavo capítulo, sobre o ponto três, quando fala da liberdade. A certa altura, Giussani descreve a possibilidade de escolha diante da realidade e fala também da tentação e de «realidades que pareçam, à consciência livre, psicologicamente mais atrativas do que outras ontologicamente mais próximas do objetivo». Então a minha pergunta é a seguinte: como é possível reconhecer aquilo para que fomos feitos, ou seja escolher e decidir aquilo que verdadeiramente nos cumpre, sem nos confundirmos com aquelas realidades que parecem psicologicamente mais atrativas? Porque Giussani diz que «a liberdade é a capacidade que o ser consciente possui de se realizar completamente». Então, dou-me conta que, desejo realizar-me, mas frequentemente parece que não sei distinguir o que é bom, o que é verdadeiro e do que é tentação. Penso que a estrada para fazer uma escolha passe por uma atratividade, e acredito que isso não seja totalmente errado, mas vejo que é um critério muito confuso e muito fugaz, porque muitas vezes não me leva à liberdade, mas a permanecer encurralada e não livre, qualquer que seja a escolha que faço.*

Vêm? Este é um exemplo da mesma questão. O que é a liberdade – disse-nos sempre Giussani – ? Quando é que somos livres? Quando podemos cumprir um desejo. Qual é a natureza do desejo humano? O que estamos a dizer é: a liberdade é a capacidade de satisfação do desejo, somos livre quando satisfazemos este desejo. Mas nós, como todos os homens, vivemos a luta com realidades psicologicamente mais fortes e atrativas que parecem mais verdadeiras que as verdadeiras. E então é novamente evidente que aqueles que erram não têm uma natureza diferente da nossa; aqueles que escolhem e defendem modalidades diferentes têm o mesmo desejo; todos queremos ser livres, queremos chegar a uma plenitude, a uma satisfação. E a estes, parece-lhes que esta satisfação é acessível através de uma certa estrada que aos seus olhos é psicologicamente mais atrativa. Então a questão é: eles têm a mesma pergunta e nós falhamos tantas vezes como eles, porque não somos diferentes. Esta consideração colocar-nos-ia já na condição de poder verdadeiramente perceber os outros e dialogar com todos, e de não reduzir a vivência humana a uma ideologia. Tu dizes: uma coisa é o bem, outra coisa é a tentação; então tantas vezes nos parece que o critério é confuso ou fugaz. Não, o critério não é confuso! É preciso aprender a usa-lo. O critério não é confuso, o critério é objetivo e infalível! Tu não decides, minha cara, quando é que a tua vida se cumpre; tanto é verdade que quando erras, por exemplo, porque escolheste uma modalidade inadequada de cumprimento e conseguiste realiza-la; surpreendes-te insatisfeita, e isto mostra que o critério não é confuso ou fugaz, o critério existe e não é manipulável, nem sequer por nós próprios, A questão é

que tantas vezes só nos damos conta disto tarde, quando... Todos nos lembramos do exemplo de Giussani, diante dos seus rapazes, durante uma festa: estavam todos ali a dançar. Quem imaginava como acabaria? Nenhum dos rapazes. Eles estavam tão empolgados por aquilo que estava a acontecer que certamente não pensavam, que quando se deitassem, cresceria neles uma amargura ou uma certa desilusão, mesmo que tudo tivesse corrido lindamente. Porquê? Porque faltava esta educação para distinguir o bem daquilo que parecia psicologicamente mais atractivo. Quem já estava educado, como *don* Giussani, quem já era maduro, tendo feito uma estrada humana e tendo aprendido a ajuizar, sabia que aquele festejo não podia bastar. Então parou a festa e disse-lhes isto, antes que acontecesse. Nós, a maior parte das vezes, damo-nos conta tarde, e depois dizemos que o critério é fugaz ou confuso. Não, o critério não é nem fugaz nem confuso! O problema é que – primeiro conselho de Giussani, no primeiro capítulo d’*O sentido Religioso!* – o juízo é o início da libertação. Ajuizar é o início da libertação, porque só se uma pessoa começa a ajuizar é que começa a distinguir o bem da aparência, e então, aos poucos, vê a diferença entre o contragolpe sentimental e a correspondência. Para nós há quase uma total identidade entre contragolpe sentimental e correspondência, mas são radicalmente diferentes. Não que a correspondência não tenha em si um contragolpe sentimental (porque tudo tem um contragolpe sentimental, ou uma atractividade), mas é muito mais, porque é aquilo que corresponde à exigência do coração. Quando uma pessoa já fez um caminho, e por isso é maduro, porque aprendeu a submeter a razão à experiência, então, devagarinho, começa a não se deixar confundir. Quando tu aprendias matemática, a fórmula era válida, mas tu ainda não tinhas suficiente familiaridade com aquele tipo de problemas para não falhar quando a aplicavas. O critério não é confuso, é válido e é verdadeiro: a aplicação é que é confusa. É preciso aprender, para depois não falhar na aplicação. Quando uma pessoa submete constantemente a razão à experiência, aprende. Mas depois é preciso uma decisão: tendo dito isto, é preciso manter-se na experiência, naquilo que surgiu com clareza na experiência. Por isso, não interessa tanto se uma pessoa se engana ou não, é preciso aprender, mesmo com o erro. Muitas vezes aprendemos coisas espantosas precisamente através de erros! O problema não é não errar, mas aprender, e por isso que possa surgir com mais clareza uma capacidade de juízo que não me prenda numa solução que é facciosa. Depois há uma luz – se em nós ainda faltasse plena consciência disto – que é uma objectividade: o Mistério fez-se carne e revelou-nos o que é a verdade, a verdadeira humanidade. Se uma pessoa, por alguma razão, não consegue ainda identificá-lo na experiência, tem uma indicação, não para se poupar à experiência, mas como uma pista no momento de confusão: há aqui qualquer coisa que não está bem, a Igreja diz-me outra coisa, Jesus diz-me outra coisa. Não é que eu, então, me submeto a isto, anulando o desejo de perceber, mas vou ao fundo da questão, porque Jesus e a Igreja não me querem enganar. Relativamente a isto recebi uma pergunta: «Antes de mais, obrigada por nos teres feito trabalhar sobre a *Página Um da Passos* [“Testemunho e Relato”, NdT], porque isto obriga-me todos os dias a fazer uma verificação, e é para mim sempre uma graça que a vida seja provocada, porque me dá uma estrada para perceber mais. Por exemplo, dei-me conta que, antes de mais, Jesus volta a despertar o desejo em mim, ou seja, faz-me voltar a desejar tudo, o que para mim já não é óbvio, aliás, muitas vezes já não desejo nada [veem que o problema que todos temos é este decair do desejo, e que é por isso que depois nos custa ajuizar, porque decaindo o desejo, decai também a capacidade de juízo]. Digo isto porque na Escola de comunidade foi-nos feita a pergunta: diante dos ataques do mundo, o que é que nós defenderemos? Eu fiquei petrificada, porque não tinha uma resposta que fizesse emergir tudo de mim, tudo aquilo que eu sou, de tal forma que o defendesse com unhas e dentes. E eu tenho necessidade de partir da experiência daquilo que desperta a minha pessoa, caso contrário ou invento Jesus ou já não conheço, e acaba por me desiludir [como vimos]. Pergunto-te, como ajuda: podes dar-nos um exemplo de como tu tens presente todos os factores do capítulo oitavo diante dos desafios da tua vida?». Simplesmente levando-o a sério. É simples. Não reduzindo o capítulo oitavo – ou outros textos da Escola de comunidade – a espiritualismo, a moralismo, a instruções para uso. Ali *don* Giussani está-nos a dizer a verdade da vida, a concepção que Jesus tem da vida, o olhar que Jesus tem sobre o homem, que nos faz conscientes de tudo aquilo

que nós somos. Por isso, se nós seguimos, participando, o método que sempre *don* Giussani nos propõe, ou seja, a verificação na experiência, nós, a certa altura, surpreendemo-nos a ter presentes os factores, cada vez mais factores, porque, como diz o início do capítulo, é o fruto de uma educação esta genialidade humana que nos é pedida para perceber o verdadeiro, no fundo, para distinguir, porque toda a premissa deste capítulo é para poder identificar um homem entre muitos homens, “o” homem. O que é que Giussani propõe? Um tipo de educação, uma genialidade humana composta pela natureza, por certos factores, e por uma educação. Somente participando nesta educação nós podemos começar a ter todos os factores do presente, sem os reduzir. No sábado, espantou-me como, numa assembleia com os universitários, um rapaz sintetiza a questão: "Nós não estamos informados sobre estas questões". Uma pessoa que diz isto depois de ter lido o capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã* admite que o capítulo oitavo não lhe dá as "informações" sobre a natureza do homem nem o juízo sobre os desafios do presente, e por isso tem que as procurar noutro sítio qualquer. Percebem? Até nos podem deixar fazer Escola de comunidade; que problema é que isso interessa, se depois pensamos como todos, procuramos as informações noutro lado e o critério de juízo quem no-lo dá são outros? O critério de juízo para ajuizar o que estamos a viver é o Facto que a nós nos aconteceu? O Facto que a nós nos aconteceu tem dentro o juízo sobre tudo, ou temos que o procurar noutro lado? Se temos que procurar noutro lado, porque é que ainda vale a pena ser cristãos? Por isso, não é uma questão secundária, é radical, é radical! Sem isto, sem responder a isto, falta a razoabilidade da fé, falta à fé daquelas razões pelas quais vale a pena, de outra forma o cristianismo será uma entre muitas coisas do panteão da religiosidade moderna, onde tudo é aceite, porque no fundo nós não temos um critério de juízo sobre tudo que nasce daquilo que nos aconteceu. Não para o impor a alguém, ou melhor, é por isto que podemos dialogar com todos.

*A minha pergunta ainda é sobre o capítulo oitavo, no parágrafo cinco. Queria perguntar que diferença existe entre o serviço como sentido do dever e o serviço como dom de si, porque todos os dias, diante de todas as solicitações durante o dia, dos filhos, do marido, do trabalho, das mil coisas que tenho de fazer e de me lembrar, faço a experiência de um ímpeto, e sinto-me na obrigação de “ter de responder a tudo”, de fazer as coisas certas e bem feitas. Mas isto, tarde ou cedo, com o cansaço, etc., sufoca-me. Então o meu sentido do dever, que como boa mulher e boa mãe me faria responder a quem estivesse à minha frente, angustia-me e ainda me faz ter sentimentos de culpa pela minha inadequação, por não ter feito o que devia, da maneira certa. Pelo contrário, ao ler este capítulo, percebo bem que Cristo veio mudar esta maneira de servir tudo, veio mostrar-me a verdade, o significado e a profunda conveniência humana como caminho e possibilidade de receber o cêntuplo na vida de todos os dias, e isto interessa-me. Vejo, então, que existe uma maneira de uma pessoa se consumir que leva à paz, e uma maneira de uma pessoa se consumir que leva exactamente ao ponto oposto, à angústia. Em que é que se distinguem? Eu intuo que o sentido do dever consiste em responder a tudo de modo moralista, enquanto que o dom de si consiste em responder a tudo dentro de uma relação real, concreta, com Cristo; porém, gostaria de perceber melhor isto, porque para mim seria um crime pensar em colar a etiqueta “por causa de Cristo” às coisas que tenho de fazer, não aguentaria sequer uma tarde. Gostaria que pudesses contar quando é que te sentiste apanhado cilada, sufocado pelas tuas inúmeras obrigações e responsabilidades, na condução do movimento ou até ainda em Espanha, o que é que aconteceu, qual é foi o ponto de viragem para que sentisses um novo folego, na consciência de que a existência humana consiste em consumir-se por alguma coisa em vez de um sentido do dever.*

Obrigado porque, porque esta pergunta como veem, é outra modalidade de fazer a mesma pergunta: se, perante as provocações da realidade que temos que enfrentar, respondemos de maneira moralista ou como dom de si, ou seja, em relação com alguém, com Cristo. Mas o que quer dizer em relação com Cristo? Quer dizer que eu vivo cada circunstância como possibilidade de me escancarar a ela, ou seja, de me escancarar àquilo através do qual o Mistério me alcança, em vez de fechar o assunto de maneira moralista. Tu disseste que no livro é descrito como humanamente conveniente. O dom de si convém-nos, e uma pessoa percebe muito bem quando faz as coisas porque ama o marido ou a

mulher, ou apenas porque é um dever conjugal. Qual é o teste? Quando comesas a pensar nas tarefas como um dever - porque no início eram as mesmas coisas, mas no início tudo era encarado como possibilidade de uma relação e de dizer à pessoa amada: o meu amor chega a estes pormenores. Era o contrário do moralismo. Em que sé que e vê a diferença? Na redução que nós fazemos da realidade, se para nós a circunstância é apenas uma coisa que se tem de suportar ou que se tem de fazer por dever moralista, ou se a circunstância é, para nós, uma ocasião de relação. Para mim, isto foi uma revolução decisiva, porque muitas vezes me acontecia o que tu descreveste; ao invés, quando encontrei o movimento, comecei a viver estas circunstâncias como possibilidade de um diálogo com Cristo, como tu dizes, como possibilidade que me é oferecida de dizer “sim” com liberdade, que flui a partir da fonte, como tu desejarias dizer à pessoa que amas ou aos teus filhos. É isto que muda, não por mudar a dificuldade do que é preciso fazer: muda antes a natureza das coisas que faço, porque esta ou é apenas dever moralista ou é a oportunidade que me é oferecida de dizer agora “sim” a Outro, com liberdade. E isto faz a diferença. Se é um dever moralista, mais cedo ou mais tarde sufocamos, porque procurar a satisfação só num dever entendido de modo moralista, sufoca; pelo contrário, escancarar a inteira amplitude da pergunta, do deseja, todo o cariz misterioso da realidade, faz respirar, faz respirar! Se, como muitas vezes acontece na discussão sobre os novos direitos, uma pessoa envolve-se e pensa que isto resolve o problema, acaba por sufocar. Tudo é da mesma natureza. Por que motivo? Porque nada desafia mais a nossa mentalidade do que as coisas que este capítulo diz: a dependência, ou seja, que eu para me realizar, tenho de entrar em relação verdadeira, porque a minha felicidade depende desta relação. Esta relação não é secundária, não é aleatória, não é supérflua, mas é crucial, devido à natureza do eu, porque o eu é relação; e se uma pessoa não vive as coisas, cada coisa dentro desta relação, sufoca. Mas se cada realidade, cada circunstância for vivida como a possibilidade de uma relação, escancara-se. E quando uma pessoa começa a dar-se conta que, através desta modalidade, o Mistério volta a despertar-nos constantemente, e a chamar-nos a responder, as coisas não ficam mais agradáveis, mas nós lançamo-nos de novo; se uma pessoa não vê estes desafios, tal como o desafio que estamos a viver agora, como ocasião de tomada de consciência de si próprio, de voltar a acordar, não repara na conveniência humana, deixa de ver o cêntuplo. Porque eu não seria eu próprio como sou, se não tivesse respondido a todas as provocações sem as deixar para trás, ou vivendo-as de forma moralista, queixando-me. Não: aceitando qualquer desafio, porque se o Senhor o permite, o consente, significa que aí está alguma coisa para mim.

*Do capítulo nono parece-me central quando diz que «o mistério da Encarnação estabelece o método que Deus achou oportuno escolher para ajudar o homem a caminhar para Ele», e diz que responde «à natureza do homem, que está carregada de exigência de sensibilidade» e «à dignidade da liberdade humana, na medida em que Deus a assume como colaboradora da sua obra.» Percebo que este método responde à natureza do homem que tem a exigência de consistência, de fisicidade, porque não me basta a ideia de que Deus me ama, mas preciso de vê-lo agora, assim como com o meu marido não me basta saber que ele me ama, mas preciso da sua presença ou dos sinais que remetem para o seu amor. Pelo contrário, a segunda parte sobre a colaboração com a sua obra, o facto de que Deus necessita de mim e da minha liberdade colaboradora para a sua obra, é um ponto que queria perceber melhor, (já falaste um pouco disto antes), porque este colaborar é positivo logo pressupõe um gosto no fazer as coisas. Um amigo querido dizia-me que este gosto significa reconhecer que não seríamos verdadeiramente nós mesmos sem a relação com este Outro, e a dependência assim vivida faz fazer a experiência da liberdade, logo em todas as coisas que te acontecem és livre, não te submetes. Pronto, eu tenho esta dificuldade neste momento, porque a tentação é a de viver a dependência de modo passivo: estou certa de que dependo e estou certa de que tudo o que me acontece vem Dele, mas ...*

Como se liga a primeira parte da pergunta com a segunda? Porque, digamos assim por um lado temos necessidade de vê-Lo agora, como tu vês os gestos do teu marido, mas Cristo presente aqui e agora tu vê-Lo no real. E isto ajuda-te a perceber mais, sustenta-te neste teu colaborar que pedes?

Porque toda a questão está aqui. Ver os sinais de afeição do teu marido ajuda-te e sustenta-te na colaboração naquilo que tu tens intenção de fazer. O mesmo acontece aqui. O problema é que nós temos dificuldade, fazendo a comparação com o marido, porque no fundo depois não vemos Cristo, e então o que é o cristianismo? No fim a que é que é reduzido? A ética, a algo que devo fazer, não àquela companhia que eu toco constantemente no real, que vejo acontecer. Diz-me se lendo este capítulo, com todas as coisas que estamos a dizer, Cristo não está presente! Nem mesmo lendo o capítulo nos damos conta. Que alguém tenha escrito isto, que tantos comecem a perceber isto, não é o sinal da presença de Cristo? Porque senão já estaremos altamente reduzidos! Mas muitos destes sinais temo-los constantemente. Não é que Cristo, como pensa a maioria, tenha vindo, tenha dito o que devemos fazer, tenha ido embora e volte no fim do mundo, e carnalmente o que fica é só o teu marido! Não, não, não. Este é o nosso modo de pensar. Não, não! O nosso problema, como podem ver, é o da premissa: que não interceptamos a resposta, como não a interceptámos em todo o capítulo oitavo. Porque quando eu repetia a pergunta: «Mas quem é Jesus? Reconheceram-no? Este capítulo serviu para reconhecer Jesus?», como não fazemos esta pergunta porque não somos capazes de O reconhecer, é muito mais fácil ler todo o capítulo no sentido moralista porque estamos habituados assim; somos quase todos kantianos, porque o cristianismo de que falamos é Kant, e isto é fácil. E a redução que operamos testemunha a nossa dificuldade. A redução quer dizer que eu não consigo ver o que existe. E este é o nosso problema. E assim, se não o vemos no capítulo, que é um festival da Sua presença, imaginem na realidade que está cheia de sinais. O que é preciso para que tu interceptes os sinais do teu marido? Esta abertura, esta simplicidade, esta capacidade de estar diante dos muitos modos em que são ultrapassados os limites da natureza humana; outros nem sequer veem isto. O problema não é que não existam sinais, é que nós não os vemos. Por isso, se não nos educamos a esta genialidade humana, para usar a expressão do capítulo oitavo, não é que não aconteçam factos, acontecem milhares – milhares! -, mas nós não os vemos e portanto não sentimos todo o poder da companhia de Cristo que constantemente nos desperta e nos relança nesta colaboração. E dizemos: mas o que é que eu posso fazer mais? Mas é exaltante para o homem começar a descobrir o desejo de por as mãos na massa para colaborar! O sinal de que O reconhecemos é o desejo de colaborar! Não, como todos, de não fazer nada e de ir para a reforma o mais cedo possível! Isto diz até que ponto a presença de Cristo já não nos escancara, não nos lança, não sustenta a vontade de nos levantarmos de manhã, para ver onde O descobrimos. Não existe esta misteriosidade (de que falava o rapaz citado na primeira intervenção desta noite) de ir ver esta manhã onde O irei descobrir, como é que virá ao meu encontro. Para nós frequentemente o problema é: o que é que devo fazer? Em vez disso a pergunta é: onde aparecerá? Onde me virá ao encontro? Onde me redespertará? «Olha, dás-te conta de que Eu estou aqui e de que não estás só com o teu nada?».

*Tenho uma pergunta para ti. Pode parecer teórica, mas espero que se perceba a urgência quotidiana para mim. A Escola de comunidade diz, no capítulo nove, no ponto três: «o mistério da Encarnação estabelece o método que Deus achou oportuno escolher para ajudar o homem a caminhar para Ele (...). Deus salva o homem através do homem». E diz: «Responde magnificamente (este método): à natureza do homem, que está carregada de exigência de sensibilidade». Eu nos meus dias procuro o Seu rosto, isto é, aquele amor a mim que me corresponde totalmente e que me permite ser eu mesma e portanto viver como protagonista, não na defensiva. Esta busca está a tornar-se cada vez mais premente, aspira a uma consistência e carnalidade cada vez maiores. Isto manifesta-se numa grande expectativa sobre a companhia: procuro testemunhas, pessoas com quem dividir a vida, a quem perguntar sem meios termos: «O que te aconteceu?», ou «Como é que a Escola de comunidade incidiu hoje?», isto é, o caminho que nos faz fazer. Não me basta o dia da Escola de comunidade ou da caritativa para vir ao de cima isto. No entanto, dou-me frequentemente conta de como a busca de uma companhia verdadeira choca com o meu limite (por exemplo, não tenho coragem de arrancar completamente as perguntas que trago no coração e o limite dos outros, por vezes estamos juntos, mas não nos olhamos na*

*cara, somos superficiais), deixando-me uma ferida que me leva a renunciar a este nível de relação. Isto parece-me como um de menos”no encontro quotidiano com Ele. Então, como posso distinguir o Senhor sem estar continuamente apoiada a alguém ou a alguma coisa que nunca será completamente correspondente? E como posso permanecer livre do modo humano com que Ele me alcança no concreto dos meus dias?*

Responde-te a próxima intervenção.

*A pergunta: «Quem é Jesus?», que nos tens colocado constantemente nestes últimos meses, provocou-me muito, especialmente ao questionar-me sobre a verdade da minha experiência, perguntando-me em que aspetos me vejo verdadeiramente crescida, onde dei passos que me permitiram descobrir melhor quem eu sou. No mês passado fui a um congresso com o meu professor e duas amigas, uma das quais não é do movimento. Numa das noites fomos jantar a casa de alguns amigos que vivem naquela cidade, que são do movimento, e eu estava um pouco preocupada porque esta rapariga estava connosco e sinceramente não sabia bem o que fazer. A certa altura, a discussão ao jantar centrou-se no tema do aborto. A minha colega que não é do movimento não tinha a mesma opinião que nós, mas o que me impressionou é que não dei por mim a defender a minha posição, como sucede frequentemente, mas a trazer à discussão aquilo que é realmente verdadeiro para mim, partindo de um juízo claro sobre um bem que vi na minha vida e que me leva a afirmar que, para mim, a vida é sagrada pelo simples facto que não sou eu que maldou. Na noite seguinte fomos beber uma cerveja com estes nossos amigos; a certa altura estávamos a conversar e esta rapariga diz-me: «Sabes que quase que não quero voltar para casa, para o pé dos meus amigos? Impressiona-me a forma como vocês são amigos». Eu saí daquela noite inundada por esta pergunta: mas o que é que me está a agarrar? O que é que esta a agarrar a minha vida ao ponto de me tornar assim audaz, coisa que eu não sou? Dei por mim a dar esta resposta: aquela noite retomei consciência que em última análise aquilo que me constitui é a relação com Cristo. Impressionava-me esta coisa, porque me fez percorrer tudo o que foi para mim este ano, até agora. Dou-me conta que tantas vezes disse “sim” a tantas coisas que me foram propostas, mas porque via um fascínio nas pessoas que mas propunham, via que eram felizes e eu queria ser feliz. Mas muitas vezes detinha-me neste sentimento, sem ir mais além, e depois não me bastava. Contudo, eu desejava ser como eles e isto levou-me a perguntar de forma cada vez mais insistente o quê e quem as faz ser assim. E para mim isto foi impressionante, porque para mim começou uma relação, uma relação com uma Presença verdadeira na vida, na realidade, que quando interpelada, responde, e reponde nas formas mais impensáveis, como, por exemplo, através desta minha colega de curso. No entanto, isto impressionou-me muito, porque eu começo frequentemente os dias com a ideia que Cristo me deve atrair aqui, aqui e aqui; e pelo contrário atrainos nos modos mais inesperados. A realidade não mudou, a realidade é sempre a mesma, é uma questão de consciência, de onde é que apoio os pés.*

*Lendo o capítulo nono vi aflorar em mim todas as objeções e resistências que ali são descritas. Fiquei contente com isto, porque com o trabalho que nos propões fazer, apercebo-me que dou menos por adquirido aquilo que nos dizemos; nestes anos, com os amigos com quem faço Escola de comunidade, não procurámos disfarçar o que vivemos com as respostas corretas, mas tentámos continuamente não dar por garantido o que temos diante de nós e personalizar aquilo que existe. Já tinha lido este capítulo muitas vezes, até recordo claramente a sensação que tive no passado de não me identificar com as objeções descritas, sentia-me a postos. Agora, pelo contrário, sinto toda a minha resistência, fiquei bloqueada no título porque me perguntei: o que é a pretensão? É Deus que de facto está no centro da minha vida. Mas, enquanto afirmo isto, aflora a instintiva resistência, sem que eu possa fazer alguma coisa. No entanto, finalmente vejo-a e olho-a. Uma pergunta premente para mim é: quando se diz: «Os seus prodígios respondiam a uma urgência ética, constituía um chamamento moral, realizava uma educação ideal» o que significa? Significa talvez que a realização de milagres responde à nossa natureza, diz-nos que somos Seus, que não*

*podemos fazer nada sem Ele? Neste sentido percebo melhor o oitavo capítulo: qual é a nossa natureza se não a de sermos seus? Vejo em ação que o milagre é a realidade que aos poucos se torna Sua e por isso torna-se também cada vez mais minha. Por exemplo na relação com os miúdos que tenho nas minhas aulas: muitas vezes a aula torna-se uma possibilidade, para quem o deseja, de se abrir e de confiar os pesos que cada um carrega na vida. E é cada vez mais claro para mim que se não tomamos em consideração, nem que seja como hipótese, que somos Seus, a vida torna-se um verdadeiro inferno.*

Acabamos juntando estas três intervenções. «Como posso permanecer livre do modo humano com que Ele me alcança no concreto do dia-a-dia?» Veem? Tantas vezes procuramos uma concretização carnal, histórica, mas esta concretização às vezes não basta, então quer-se alguma coisa mais e pensa-se que a questão seja como libertar-se do modo humano com que Ele nos alcança. Amiga, não é possível, porque nos alcança sempre através de um modo humano! O problema é o que dizia aquela nossa amiga a propósito da colega que não era do movimento, isto é que uma pessoa não se fecha àquele modo humano dependendo somente do modo humano, mas cada modo humano introduz àquela relação. Porquê? Porque isto é o que nos ouvimos dizer como a concepção verdadeira do seguir: seguir – é aquilo que aprendemos – é fazer a experiência que vemos fazer a outros, que se torna cada vez mais nossa. Não a podes fazer sem a relação com alguém, como não podes aprender matemática sem a relação com alguém, mas depois as coisas tornam-se cada vez mais tuas; e não é que a um certo momento não temos mais necessidade da relação, sempre teremos necessidade dela, porque, como veem, a possibilidade que temos de reduzir Cristo de acordo a mentalidade comum é fantástica, por isso teremos sempre esta necessidade. De facto – dissemo-lo noutras ocasiões – sempre teremos necessidade do Papa, de um ponto histórico, na história, que nos assegure a verdade, de outro modo estaremos na confusão como todos. Isto permite-nos fazer uma experiência verdadeira de seguimento, é um início de uma relação com uma Presença que responde cada vez mais a todos os apelos. E como responde? Como dizia a ultimíssima intervenção: através do milagre, através daquela beleza que Ele põe diante de nós, porque quando alguém encontra uma pessoa, uma testemunha, para usar a palavra que usaram, que é um prodígio, um apelo, surge de imediato em nós: mas eu quero viver como ele! O milagre maior qual é? Ver uma criatura nova no real, não somente que uma pessoa veja curada a sua perna: uma criatura nova que no meio de todo o caos, de toda a confusão, de toda a redução, testemunhe a vitória de Cristo na sua humanidade. É este o apelo maior que nos pode fazer Cristo. E este é o método da Encarnação que de fala todo o capítulo nono. Cristo vem-nos ao encontro através do método mais adequado a nós: uma presença humana aqui e agora, à qual uma pessoa não se pode subtrair se não quer perder o melhor daquilo que lhe aconteceu. Porque é que nós estamos aqui? Porque é que estamos aqui, quando tantos perderam a vontade, o interesse em ser cristãos? Unicamente porque encontramos uma personalidade, uma “criatura nova” – podemos dizer com as palavras de São Paulo – que nos fascinou, que se chama *don Giussani*, através de quem nos veio uma vontade doida de não perder o que tínhamos visto nele; foi o apelo mais potente que recebemos na nossa vida. Não é um apelo acima de tudo moralista, é uma atrativa à qual não podemos resistir. E isto será sempre o cristianismo, do início até ao fim do mundo.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar dia 30 de Abril, quarta-feira as 21:30. Retomaremos o texto da Introdução dos próximos Exercícios da Fraternidade.

Os Exercícios da Fraternidade são um gesto e por isso, para além das lições e da assembleia, são também silêncio, canto, oração, atenção ao outro. Participando num gesto como este, podemos reduzi-lo, como reduzimos a EdC: cada um escolhe, segundo o próprio critério, em que participar ou no que seguir do pacote todo! E quando alguma coisa do pacote não lhe convém, decidimos fazer outra coisa. Um gesto deste calibre só é possível sustentá-lo, como digo sempre, com a colaboração de cada um. Mas é mais do que a “gestão” de um gesto grande, é a consciência com

que andamos. Se não chegamos como mendicantes e não começamos já desde agora a rezar, – a rezar – pelos Exercícios, pela disposição de cada um, para que possamos estar abertos à modalidade com a qual o Senhor nos chamará, para que me dê a mim, que devo prega-los, a luz para falar do modo mais adequado às vossas necessidades, se não nos sustentamos reciprocamente, que gesto é? Não é uma organização pela qual se faz um *speech* e tudo funciona. Seria negar a complexidade da vicissitude humana que temos visto descrita no capítulo oitavo, como se bastasse a habitual organização celina. Nem por sombras! Não é que no fim Cristo tenha errado: tendo podido fazer uma boa organização, escapou-lhe alguma coisa e teve de morrer na cruz. A quem é que escapou alguma coisa? A Ele ou a nós, pela redução a banalidade, do drama do viver? Se a um gesto como este não vamos com a consciência da nossa necessidade e do que é que vamos pedir, mendigar, suplicar, nós não faremos um tesouro de tudo aquilo que o Senhor nos poderá dar. Por isso disponhamo-nos a vivê-lo na sua totalidade para que se torne incisivo na nossa vida”.

**Documento do CL para as Eleições europeias.** Têm à disposição no site o manifesto intitulado: “É possível um novo início?”, que preparámos como CL, em vista às Eleições europeias, porque nos parece uma ocasião preciosa para dizer a todos – não somente em Itália, de facto oferecemo-lo também a todos os nossos amigos das nações europeias onde está presente o Movimento – onde se apoia a nossa esperança para uma acção civil e o que é que sustem o trabalho de uma reconstrução.

Está à disposição o **Manifesto da Páscoa**, que reproduz uma belíssima imagem dos frescos de Giotto da Cappella degli Scrovegni e com dois textos, um do Papa Francisco e o outro de *don Giussani*.

«”Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar». Quando dizemos que este anúncio é «o primeiro», isto não significa que está no início e que, em seguida, se esquece ou se substitui por outros conteúdos que o superam. É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano. Esta convicção, porém, é sustentada com a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a sua amizade e a sua mensagem, convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar a tatear. Sabemos bem que a vida com Jesus se torna muito mais plena e, com Ele, é mais fácil encontrar o sentido para cada coisa«». (Papa Francisco)

«Desde logo, pela minha formação na família e no seminário, e depois, pela minha própria meditação, cheguei à convicção profunda de que uma fé que não pudesse ser encontrada e descoberta na experiência presente, e confirmada por ela, útil para responder às suas exigências, não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário. Mostrar a pertinência da fé nas exigências da vida e, portanto - este «portanto» é importante para mim -, demonstrar a racionalidade da fé, implica um conceito preciso de racionalidade. Dizer que a fé exalta a racionalidade, quer dizer que a fé corresponde às exigências fundamentais e originais do coração de cada homem. Por isso, dar a razão da fé significa descrever sempre mais, sempre mais amplamente, sempre mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja na sua autenticidade, aquela autenticidade cuja “sentinela” é o Papa de Roma». (Luigi Giussani)

Como sabemos, o Manifesto não é só para pôr no nosso quatinho, mas é um gesto missionário, porque há muitos que esperam poder tocar a orla do manto.

*Veni Sancte Spiritus*